

o Libertário

LUTAMOS CONTRA
TÓDAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

PRIMEIRO DE MAIO

SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA

Há quem afirme que o 1.º de Maio é um episódio ultrapassado.

Em face de semelhante absurdo, tem-se o direito de perguntar: haverá, acaso, solução de continuidade na história da coletividade humana?

Seria insensatez admitir tal conceito. A vida de nossos dias está ligada ao passado, assim como a vida de amanhã será uma consequência lógica da vida de hoje. Uma prova: a comemoração do 1.º de Maio que sacode o proletariado internacional — relembra um acontecimento que se desenvolveu há mais de meio século, isto é, há 76 anos — e nem por isso deixa de oferecer-nos ensinamentos — grandes ensinamentos.

Relembremos, pois, esse fato que figura nas lutas proletárias em letras sanguíneas.

Todos os acontecimentos históricos e mesmo os fatos restritos a determinados âmbitos sociais, e até familiares, são recordados de acordo com sua significação. O sacrifício vil de Tiradentes não poderia ser lembrado com um desfile de escolas de samba no Largo da Lampadosa, no Rio, onde esse mártir da libertação do Brasil da tirania colonial foi enforcado e esquartejado. Seria absurdo admitir que os negros comemorassem a abolição da escravatura com demonstrações de agrado aos seus antigos senhores e capatazes. Rídiculo seria conceber que a comemoração da República se fizesse com vivas à Monarquia. Não teria cabimento verem-se famílias de vítimas de uma catástrofe relembra-rem essa desgraça com festas. E odioso, certamente, seria o ato de quem pretendesse lembrar com festas o massacre dos presos políticos do presídio Maria Zélia, quando tentavam libertar-se da prisão.

Não nos cabe, pois, colocar-nos ante nossa consciência para decidir — sem receio de praticar uma injustiça social — como devemos comemorar o 1.º de Maio. Com festas e alegrias? Têm os trabalhadores motivos para isso em sua condição de assalariados, sujeitos à exploração capitalista?

Disse muito bem José Oiticica: "O trabalhador vive escravizado e os escravos não costumam festejar sua escravidão".

Então como comemorá-lo? Com lamentações, transformando-nos em capideiras e pondo-nos a chorar em missas rezadas pelas almas das vítimas do regime capitalista? Isso certamente que não. Nem com festas nem com lamentos.

O 1.º de Maio é um brado de protesto e uma afirmação de propósitos reivindicadores. Os mártires de Chicago, depois de, no tribunal, terem transformado sua defesa em formidável libelo contra a sociedade capitalista, apontando suas injustiças e seus crimes, ainda no derradeiro instante das forças sacrificarem suas vidas preciosas, bradaram aos povos oprimidos sua conclamação à revolta contra a tirania social e em prol da felicidade para todos.

Pode haver dúvidas sobre isso? Absolutamente, não. Os dados históricos estão sendo divulgados por toda parte.

Poderia deter-me aqui a mencionar datas, a ler resoluções de congressos, mas isso talvez se tornasse fastidioso. Basta lembrar, sumariamente, os fatos — como roteiro para o exame de nossas considerações. Os acontecimentos que tiveram desfecho trágico no enforcamento dos quatro militantes libertários, que passaram à história sob a denominação de Mártires de Chicago, iniciaram-se com a agitação contra o excessivo horário de trabalho então vigente e pelo estabelecimento da jornada de 8 horas.

Essa agitação ganhou vulto, estendendo-se pela maior parte dos Estados Unidos. Muitas categorias de trabalhadores promoveram greves e conseguiram vitórias. Promoveram-se comícios e passeatas. O ambiente

Manifestação Libertária do Proletariado

Esta data é de protesto. Não é a festa do trabalho. O trabalho vive escravizado e os escravos não costumam festejar a sua escravidão.

O Primeiro de Maio é um grito subversivo, um clamor de multidão contra as tiranias de toda casta, czarista ou republicana, jesuíta ou plutocrata, sob cujo aspecto se mascara o capitalismo desentranhado.

É um alerta de vedeta, o alarma dos vanguardeiros proletários, inconformados com o regime feroz da concorrência econômica e sonhadores de um porvir menos horrível.

Não é somente o grito de revolta proletária

contra a espernejante reação capitalista. É o solene alto lá! de todos os espíritos fraternistas contra a fúria imperialista desencadeada na civilização pelos instintos guerreiros e opressores descaimado.

O mundo já não tolera esses princípios sanguinários, esses métodos administrativos de rapina à força, esse banditismo disfarçado em nacionalismo ou defesa da ordem.

Todos os primeiros de Maio são anúncios iterativos desse vasto movimento destruidor de tiranias.

MISTIFICAÇÃO DA DATA

Um dos aspectos mais cômicos, porém, mais significativos, da má fé burguesa é a deturpação oficial do 1.º de Maio. Sabem todos que essa data recorda um protesto internacional dos trabalhadores contra o sacrifício de Augusto Spies, Alberto Parson, Luiz Lingg, Adolpho Fischer, Jorge Engel, (enforcados) Oscar Nelbe, Samuel Filden e Miguel Schawab (condenados).

Esses anarquistas, falsamente acusados pela polícia americana, foram supliciados contra a opinião mundial, apesar dos protestos do povo indignado.

Sucedeu em 1887 o que se deu em 28 de março de 1927 com os outros dois anarquistas Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti, eletrocutados por motivos igualmente falsos.

Ora, não seria absurdo que com o decorrer dos anos, a burguesia transformasse o 28 de agosto em "Festa do Trabalho"? E não seria o cúmulo dos disparates que os Paramentos decretassem, "Feriado Nacional" esse mesmo dia 28 de agosto? Pois o que vemos é precisamente isso com o 1.º de Maio. Os governos viam anualmente renovar-se o protesto cada vez mais crescente; percebiam que, pouco a pouco, os oito mártires iam sendo exemplo e sua morte sementeira da idéia anárquica. Então excogitaram um meio certo de contraminar essa propaganda, de desfazer essa impressão. O meio achado foi confundir as coisas no cérebro obtuso dos proletários da geração seguinte.

E inventaram a "Festa do Trabalho". E o governo brasileiro, ou por ignorância, ou por suprema hipocrisia, decretou feriado nacional para esse dia.

Não se lembrará também de fazer o mesmo para o 13 de Outubro, assassino de Ferrer? ou para o 28 de Agosto, suplicio de Sacco e Vanxetti?

O cômico de tudo isso é vermos, nós, os governos festejando uma data comemorada contra eles pelos trabalhadores conscientes, por aqueles que bem sabem a história do processo de Chicago.

Entretanto, no apurar das contas é de uma tristeza incensurável. A burguesia não transformaria em "festa" o 1.º de Maio se não encontrasse, na grande massa proletária, ignorantes, ou inconscientes, ou velhacos a quem pudesse facilmente impingir a impostura.

E, desgraçadamente, ainda é grande o número desses inconscientes. O que, porém, nessa comemoração toca as raízes do absurdo e as culminâncias da desfaçatez, são os festejos com bandeiras, bandeirolas, musicatas e regabofes.

Os chamados líderes politiquieiros metidos no seio dos trabalhadores aceitam a idéia burguesa do 1.º de Maio "festa" e propugnam essa lembrancinha animadora do arrebanhamento eleitoral, valendo-se da charanga para aliciar bobinhos, pois lhes escasseiam fósforos para as eleições.

A banda de música mexe os nervos de muita gente com seuslundús, dobrados, sambas e maxixes. O povo acode. É a festa do trabalho! A multidão engole de bom grado pílulas douradinhas pelos equillibristas do peleguismo.

Os burguesoides, assim, revelam-se, mais uma vez, dignos discípulos dos burgueses e dão arrhas para a reconciliação e colaboração.

Nós, fiéis depositários das doutrinas dos mártires de Chicago continuamos a denunciar as mistificações da significação reivindicadora do 1.º de Maio e de rebeldia contra as explorações do capitalismo.

José Oiticica

Caso de Amor na Tragédia

Foi tão clamorosa e empolgante a tragédia social em que os abençoados anarquistas se portaram com uma elevação moral própria das grandes convicções, que, no decorrer do processo, atraída pelo grande clamor que se fizera em toda parte, uma jovem aristocrática da alta sociedade de Chicago apaixonou-se por Augusto Spies e fez absoluta questão de casar com ele já depois de condenado à morte.

A conduta corajosa, serena e consciente daqueles grandes idealistas diante da morte próxima, a sua integridade moral e afirmação de caráter quando sustentavam os princípios do anarquismo, inspiraram a Nina Stuart Van Zandt um desses amores invencíveis alimentado também por afinidades morais e idealistas.

De uma simpatia nascida das notícias sobre o caso, e talvez um pouco de curiosidade ociosa, dada a importância de Nina no mundo das pessoas afortunadas, a grande paixão que Augusto Spies lhe despertou levava a jovem a fazer visitas à prisão. Tendo sido limitadas essas visitas apenas às mulheres casadas, Nina não hesitou. Mesmo sabendo que Augusto Spies ia morrer enforcado, que não poderia gozar a sua companhia de espôso e companheiro, casou com ele para poder visitá-lo e tornar-se a viúva de um anarquista condenado à morte.

Quando os componentes sociais do meio em que vivia a criticavam por essa atitude, Nina Stuart Van Zandt respondia:

— "Prefiro a censura desta sociedade, cuja moral não pode compreender um verdadeiro amor alimentado também pela afinidade de idéias e pela desgraça, a casar-me



Nina Stuart Van Zandt

com algum velho vicioso e inválido, possuidor de grandes riquezas, merecendo desses "moralistas" muitas felicitações."

Os anarquistas, inimigos da autoridade, da opressão, da coação, pretendem a supressão da violência organizada, da exploração do homem pelo homem, duma classe pela outra; querem, justamente porque são anarquistas, banir a violência das relações sociais.

ERRICO MALATESTA

É UM ERRO empregar a palavra anarquia como sinônimo de violência, pois são coisas opostas.

A anarquia é a ordem sem governo. Nós, os anarquistas, cremos que se avizinham os tempos em que os explorados reivindicarão os seus direitos aos exploradores e cremos ainda que a maioria do povo, os trabalhadores das cidades e dos campos, se rebelarão contra a burguesia de hoje. A luta, em nossa opinião, é inevitável!

MIGUEL SCHWAB



Augusto Spies

EDGARD LEUENROTH

Na Comemoração do 1.º de Maio

ATTITUDE DOS MÁRTIRES

Monstruoso foi o processo forjado contra esses inteligentes, cultos, honestos, laboriosos e abnegados lutadores do anarquismo. De toda sorte de mentiras, de falsidades e de baixezas lançaram mão os dominadores de então. Essa injustiça provocou grande agitação em favor de suas vítimas. Sua inocência ficou absolutamente provada, mas tudo foi baldado. O capitalismo exigia o seu sacrifício e isso se fez.

Durante o julgamento, de acusados que eram, passaram a acusadores, pronunciando discursos que causaram profunda impressão, pela firmeza, serenidade, acerto e desassombro com que defenderam a causa da classe trabalhadora e o ideal anarquista.

No processo só conseguiram provar que os acusados tinham idéias anarquistas.

Dos discursos pronunciados — alguns dos quais duraram horas — reproduzimos breves trechos de cada um deles:

RICARDO ALBERTO PARSONS

Nos anais da história do proletariado organizado, Ricardo Alberto Parsons foi uma individualidade de alto relevo. Descendente de uma das antigas famílias da Nova Inglaterra, dedicou-se, desde muito novo, ao jornalismo. E nessa profissão, que escolheu livremente, não só conquistou as simpatias dos seus colegas, como adquiriu uma excelente reputação.

Dotado de uma grande facilidade de palavra, bem depressa se revelou um orador eloquente. O seu aspecto insinuante, a sua vasta inteligência e os seus conhecimentos profundos da vida e da sociedade, grangearam-lhe a estima da burguesia liberal. Parsons tinha, na sua frente, um futuro risonho, cheio de venturas. Na política, por exemplo, os seus princípios foram os mais auspiciosos que desejara se podem — chegou facilmente a desempenhar as funções de secretário de Estado no gabinete de um governador. Mas as reivindicações dos explorados não deviam tardar em encontrar nele um dos seus mais calorosos e devotados defensores.

"Foi para nós um dos dias mais felizes — declara um dos chefes dos **Knights of Labor** (os Cavaleiros do Trabalho) o dia em que tivemos a honra de receber em nossa organização um homem do valor de Ricardo Alberto Parsons." Após a iniciação, o novo Cavaleiro pronunciou um grande discurso. Nesse momento, Parsons já era internacionalista — o seu sindicalismo era o sindicalismo de Bakunine; o seu socialismo era o socialismo de Kropotkin. Ele não pôde separar o sindicalismo do socialismo nem do comunismo-anarquista. Para precisar bem o seu pensamento, Parsons afirma-se socialista-comunista-anarquista, visto que estas três palavras são necessárias para evitar qualquer equívoco.

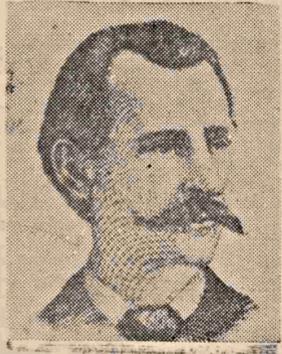
Parsons não fazia parte do comité promotor do comício realizado na praça Haymarket, em Chicago, para tratar da conquista da jornada de oito horas. Entretanto, a ele compareceu com sua companheira Lucy Parsons, não sendo preso na ocasião.

Quando se iniciou o processo dos militantes detidos, achando-se ausente, resolveu prestar-lhe sua solidariedade, apresentando-se como co-responsável da "culpa" que lhes imputavam, indo sentar-se ousadamente, ao lado deles no tribunal. Os advogados de defesa procuraram demonstrar-lhe todos os inconvenientes e perigos da sua atitude; Parsons não os atendeu — escutou apenas a voz do seu coração e os ditames da sua consciência. Assim, no meio do julgamento, Parsons aparece subitamente no tribunal e diz aos juizes, que ficaram estupefactos:

— Não se assustem! Sou eu, Ricardo Alberto Parsons, membro dos **Knights of Labor**, socialista e comunista-anarquista, redator principal do **The Alarm**. Sei que a polícia me procura, portanto, aqui estou. A minha inocência, como a inocência dos acusados aqui presentes, não necessita demonstração especial. Pois bem, juntamente com eles, ou serei condenado, ou serei absolvido. Este gesto nobilíssimo produziu uma profunda impressão entre o povo; a própria burguesia liberal mostrou-se disposta a salvar o

anarquista americano. Mas a plutocracia, por meio dos seus órgãos na imprensa, que é capaz de todas as infâmias e de todas as ignomínias, principiou a manifestar um grande despeito por toda a simpatia que, para a sua pessoa, tinha atraído o redator do **The Alarm**.

Durante três dias, Parsons defende calorosamente a sua causa, assim como a de seus companheiros, atingindo os mais altos cumes da eloquência. Ele reivindica o direito de ser sindicalista e comunista-anarquista; da mesma forma reivindica a responsabilidade de todos os seus escritos publicados no **The Alarm**. Para justificar as suas idéias revolucionárias, vale-se da história: a República da América era o fruto de um movimento revo-



Ricardo Alberto Parsons

lucionário que tinha por fim conquistar a felicidade e a liberdade para todos. Compreendendo a imperfeição da sua obra e antevendo uma reação próxima, os fundadores da República foram clarividentes, conservando o espírito de revolta no seio do povo. É por isso que eles disseram a este mesmo povo que se conservasse sempre em armas, não só para defender as liberdades conquistadas como para conquistar outras novas...

Em seu último discurso, Ricardo Alberto Parsons falou durante oito horas perante o tribunal. Quando terminou sua admirável defesa, estava exausto. O júri não lhe tinha concedido sequer um minuto de descanso. Eis alguns trechos da sua defesa:

— "...Dizemos que quando a pobreza haja sido eliminada e a educação seja integral e de direito comum, a razão será soberana".

Dizemos que o crime pertencerá ao passado, que as maldades daqueles que se extraviam poderão ser evitadas de distinto modo que o de nossos dias.

"A maior parte dos crimes, são devidos ao sistema imperante que produz a ignorância e a miséria".

"Vosso veredito é o veredito da paixão, gerado pela paixão, alimentado pela paixão e realizado, enfim, pela paixão. E que é a paixão? É a suspensão da razão, dos elementos de discernimento, de reflexão e de justiça necessários para chegar ao conhecimento da verdade. Este processo iniciou-se e organizou-se entre nós inspirado pelos capitalistas, pelos que crêem que os trabalhadores não têm mais que um direito: o da obediência. Eles guiaram este processo até mesmo para nos condenarem como anarquistas. E eu proclamo: Sou anarquista".

... "Credes, senhores, que quando dos nossos cadáveres hajam sido arrojados ao monturo, tudo se terá acabado? Credes que a guerra social se acabará estrangulando-nos barbaramente? Não! Sobre vosso veredito cairá o do povo americano e do mundo inteiro para demonstrar vossa injustiça e as injustiças sociais que nós levamos a cada passo; cairá o veredito popular para dizer que a guerra social não terminou por tão pouca coisa".

Além de Parsons, foram condenados à morte e enforcados os anarquistas George Engel, Augusto Spies, Rudolpho Fischer, que assim se pronunciaram no tribunal:

GEORGE ENGEL

... "Em que consiste meu crime? Em ter trabalhado pelo estabelecimento de um sistema social no qual seja impossível que, enquanto uns amontoam milhões, outros vivam na miséria?"

... "Desprezo o poder do Estado iníquo seus policiais e seus espíões".

AUGUSTO SPIES

... "Sou anarquista... A verdade sacrificada em Sócrates, João Huss, Cristo, Giordano Bruno e Galileu, vive todavia: estes e muitos outros nos hão precedido no passado. Nós outros estamos prontos a segui-los.

ADOLPHO FISCHER

... "Falo para protestar contra a pena de morte que me impõem como assassino. Mas se hei-de ser enforcado por professar as idéias anarquistas, pelo meu amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade, então não tenho inconveniente, digo-o bem alto: podeis dispor da minha vida! Se credes que com este bárbaro veredito aniquilais os anarquistas e a anarquia, cometeis um erro, porque os anarquistas estão dispostos a morrer sempre pelos seus princípios e estes são imortais".

LUIS LINGG

Suicidou-se na prisão, fazendo explodir um cartucho de dinamite na boca, para não dar o pescoço ao carrasco. Eis as suas últimas palavras:

... "Concedei-me, depois de condenar-me à morte, a liberdade de pronunciar um último discurso. Não, não é por um crime que me condenais à morte: é pela anarquia e posto que é pelos nossos princípios, eu grito sem temor; sou anarquista! Acusais-me de desprezar a lei e a ordem. E que significam a lei e a ordem? Seus representantes são os policiais e entre eles existem muitos ladrões. Aqui senta-se o capitão Leback e ele confessou-me que meu chapéu e meus livros tinham desaparecido subtraídos pelos policiais. Eis aí vossos defensores do direito de propriedade! Enforcai-me!

SAMUEL FIELDEN

Fêz um discurso protestando contra o fato de o julgarem delinquente por professar as idéias anarquistas, reivindicando o direito natural de pensar livremente.

"Hoje o sol brilha para a humanidade. Eu creio que chegará o dia em que sobre as ruínas da corrupção se levantará a esplendorosa manhã do mundo emancipado, livre de todas as maldades, de todos os monstruosos anacronismos da nossa época e de vossas caducas instituições". (Condenado à prisão perpétua)

MIGUEL SCHWAB

Estas suas palavras bastam para dizer o que sentia com inteira firmeza:

— "Dizeis que a anarquia está condenada. No entanto, a anarquia é uma doutrina hostil à força bruta e oposta ao atual e criminoso sistema de produção e distribuição da riqueza.

Não há nenhum segredo na nossa propaganda. Anunciamos uma mudança no sistema de produção de todos os países industriais do mundo e essa mudança aproxima-se, não pode deixar de chegar.

Que é a anarquia? É um estado social em que todos os seres humanos poderão fazer o bem pela simples razão de que é o bem e repudiar o mal porque é o mal. Em uma sociedade assim constituída, não são necessários o Estado e suas leis. "A anarquia morreu", disse o procurador geral. A anarquia é hoje uma aspiração que se realizará, não sei quando, mas que se realizará inevitavelmente". (Condenado à prisão perpétua)

OSCAR W. NEEBE

Relata em seu discurso os últimos sucessos de maio e prossegue:

— "Durante os últimos dias, pude aprender o que é a lei, pois antes não o sabia. Presidi um comício em Turnes Hall, para o qual fosteis convidados, a fim de discutir o socialismo anárquico. Porque não apareceram os representantes do atual sistema capitalista para discutir com os obreiros suas aspirações?" E termina o seu discurso dizendo: "Eu vos suplico: deixai-me participar da sorte de meus companheiros! Enforcai-me com eles". (Condenado a 15 anos de prisão)

A ATTITUDE DAS FAMÍLIAS DAS VÍTIMAS

As famílias dessas vítimas de um clamoroso crime social souberam estar à altura da conduta de seus entes queridos. A mãe de Luiz Lingg escreveu-lhe: "Depois de tua morte continuarei tão orgulhosa de ti como estou hoje. Declaro: se eu fosse homem, teria feito o mesmo que tu". Sua tia também lhe escreveu: "Suceda o que suceder, não te mostres débil diante desses miseráveis". A esposa de Alberto Parsons, disse, no tribunal: "Se de mim depende que Alberto peça perdão, que o enforcuem".

Os socialistas estão divididos em duas grandes frações, que correspondem a duas correntes de idéias: os autoritários e os anarquistas. ERRICO MALATESTA

REBELIAO

RICARDO GONÇALVES

Com gemidos agoureiros,
Num pavoroso lamento,
Lá fora perpassa o vento
Chicoteando os pinheiros.
E a noite, caliginosa,
De uma tristeza superna,
É como a boca monstruosa
De monstruosa caverna.

Chove. O arvoredor farfalha.
Soturno o trovão ribomba
Como longínqua metralha;
Depois o silêncio tomba.
Pávido e trêmulo, escuto,
Mergulho a vista lá fora
E vejo a terra de luto,
E oiço uma voz que apavora.

Como um vago murmúrio,
Mansa a princípio, ela ecoa,
Depois é um grito bravo
Que pela noite reboia,
Que para a noite se eleva
Num pavoroso transporte,
Como um soluço de treva,
Como um frêmito de morte.

Essa voz cheia de ameaças,
De imprecações e rugidos,
É o clamor das populações,
É a voz dos desprotegidos.
Medonha, relutante e rouca,
Vem d'esse mundo sombrio
Dos que tiritam de frio
E não têm pão para a boca.

Vem das lóbregas choupanas
Onde em tarimbas sem nome
Há criaturas humanas
Agonizando com fome.
Vem da cloaca deleteria,
Em que a "Justiça" comprime
Esses que a mão da miséria
Pôs no caminho do crime.

Do quartel — açougue enorme
Onde à espera da batalha,
Morta de fadiga, dorme
A carne para metralha.
Dos hospitais, dos hospícios,
Das tascas onde ressona
A grei de todos os vícios
Que a miséria proporciona.

Ah! nesse grito funesto,
Nesse rugido, palpita
Um rancoroso protesto.
É o povo, a plebe maldita
Que, sombria, ameaçadora,
Nas vascas do sofrimento,
Mistura aos uivos do vento
A grande voz vingadora.

Tremei, vampiros nojentos!
Tremei, nos vossos dourados
Palacetes opulentos!
O sangue dos desgraçados
Sugai, bebei góia-a-góia.
Não tarda que chegue o instante
Em que a turba se levante,
Sedenta, faminta e róta.

E quando começa a luta,
Quando explodir a tormenta,
A sociedade corrupta,
Execrável e violenta,
Iníqua, vil, criminosa,
Há de cair aos pedaços,
Há de voar em estilhaços
Numa ruína espantosa.

TRÊS ERROS DE MARX

Do Dr. Erich Fromm

I

O subestimar a complexidade das paixões humanas levou o pensamento de Max a três erros sumamente perigosos. Em primeiro lugar o de esquecer o fator moral no homem. Precisamente porque supunha que a bondade do homem se reafirmaria automaticamente quando houvessem sido realizadas as mudanças econômicas, não percebeu que pessoas que nunca haviam sofrido uma transformação moral em sua vida íntima não poderiam ofertá-la a uma sociedade melhor. Não prestou atenção, pelo menos explicitamente, à necessidade de uma orientação moral nova, sem a qual se tornariam inúteis todas as possíveis transformações políticas e econômicas.

O segundo erro, procedente da mesma fonte, foi o grotesco equívoco de Marx no que se refere às possibilidades de realização do socialismo. Diferentemente de homens como Proudhon e Bakunine, e mais tarde Jack London em seu livro "Tação de Ferro", que previram as trevas que envolveriam o mundo ocidental antes que brilhasse uma luz nova, Marx e Engels acreditaram no advento de uma "sociedade boa" e não previram a possibilidade de nova barbárie na forma do autoritarismo comunista e fascista, e de guerras destruidoras de consequências inauditas. Esta errônea apreensão de realidade foi causa de muitos erros teóricos e políticos de Marx e Engels e a base da deturpação do socialismo por Lenine.

O terceiro erro foi a idéia de que a socialização dos meios de produção não só era condição necessária, como também suficiente para a transformação da sociedade capitalista em comunidade cooperativa. No fundo deste erro está, uma vez mais, seu conceito, excessivamente simplificado, por demais otimista como os enciclopedistas de Freud acreditou que, livrando o homem dos tabús sexuais anti-naturais e demasiadamente rígidos produziria a saúde mental. Max acreditou que a emancipação dos explorados produziria automaticamente seres livres e cooperativos. Foi tão otimista como os enciclopedistas do XVIII quanto ao efeito imediato das modificações operadas nos fatores ambientais, e não valorizou suficientemente o poder das paixões irracionais e destrutivas que não poderiam transformar-se de um dia para o outro em face apenas das mudanças econômicas.

Após a experiência da primeira guerra mundial, Freud se apercebeu dessa força destrutiva e mudou radicalmente todo seu sistema ao aceitar que a tendência à destruição é tão forte e inextirpável como Eros. Marx não chegou jamais a perceber isso, e não modificou sua simples fórmula da socialização dos meios de produção como caminho direto à meta socialista.

Outra fonte deste erro foi a superestimação com que Marx julgou os dispositivos políticos e econômicos dos quais já falamos. Mostrou-se notavelmente privado de espírito realista ao ignorar o fato de que, para a personalidade do trabalhador, não há nenhuma diferença em que a empresa seja propriedade do povo — Estado —, de uma burocracia governamental ou de uma burocracia privada contratada pelos acionistas. Não percebeu, em contraste total com o seu próprio pensamento teórico, que o único que importa são as condições reais e efetivas do trabalho, as relações do trabalhador em seu trabalho com seus companheiros e com os diretores da empresa.

Nos últimos anos de sua vida, Marx parecia disposto a introduzir certas modificações em sua teoria. A mais importante, provavelmente sob a influência dos estudos de Bachofen e de Morgan, o levou a acreditar que a primitiva comunidade agrária, baseada na cooperação e na propriedade comum da terra, era uma forma poderosa de organização social que poderia conduzir diretamente a formas mais elevadas de socialização, sem ter que passar pela fase de produção capitalista. Manifestou essa crença em resposta a Vera Zazulich, que perguntou qual era sua atitude com relação ao "mir", velha forma de comuni-

(Conclui na 3.ª página)

Programa do Anarquismo

Estabelecer Novas Relações Entre os Homens

Pelo Dr. Geoffrey Ostergaard

Desde a época de Marx e em grande parte devido a sua influência, o socialismo foi concebido em termos de propriedade ou de domínio. Até há pouco tempo, um socialista era definido como o que acreditava na propriedade coletiva — usualmente do Estado — em oposição a propriedade individual. Não obstante, com a experiência da Rússia e da Inglaterra, esta se tornando cada dia mais patente, como sempre o foi para os anarquistas, que uma simples mudança no regime de propriedade não é suficiente para modificar as relações sociais. Quando a propriedade comum toma a forma de propriedade do Estado, o que sucede é que o Estado se converte em padrão universal e as possibilidades de tiranias se multiplicam pela união do poder político e econômico. Os princípios em que se apoia o capitalismo não se modificaram; o trabalhador continua essencialmente uma coisa, uma mercadoria, uma unidade de trabalho; simplesmente trocou um tipo de senhores — os capitalistas — por outro tipo de senhores: os burocratas.

A mudança do regime de propriedade sobre os meios de produção poderia ser condição necessária para a transformação da ordem social capitalista em ordem social do tipo cooperativo, porém não é, como a maioria dos socialistas pensaram, uma condição suficiente. O que importa ao operário não é saber quem possui a usina em que ele trabalha, mas as condições efetivas de seu trabalho, a relação do trabalhador com o trabalho, com seus companheiros e com aqueles que dirigem a empresa. E por esta razão que os anarquistas são partidários do controle das indústrias pelos trabalhadores, condição pela qual todos participam em igualdade de condições na determinação da organização de sua vida de trabalho, onde seu esforço se tornaria rico de significado e de atrativo e onde o capital não empregaria a mão de obra, mas a mão de obra e capital.

TRÊS ERROS DE MARX

(Conclusão da 2.ª página)

dade agrícola na Rússia. C. Funhs assinalou (em comunicação pessoal ao autor) a enorme significação desta mudança da teoria de Marx, e também o fato de que Marx, nos últimos oito anos de sua vida, se mostrava desenganado e com desânimo ao perceber o fracasso de suas esperanças revolucionárias. Como afirmei antes, Engels reconheceu que não prestara atenção suficiente ao poder das idéias em sua teoria do materialismo histórico, porém, não lhes foi dado, a ele e Marx, fazer as necessárias revisões a fundo em seu sistema.

Para nós, a meados do século XX, se torna fácil reconhecer a falácia de Marx. Vimos na Rússia a trágica consequência dessa desilusão. Ainda que o stalinismo pudesse ter demonstrado que uma economia marxista pode funcionar com êxito, desde o ponto de vista econômico, o certo é que demonstrou que de nenhum modo está destinada, em si mesma, a criar um espírito de igualdade e cooperação; demonstrou que a propriedade dos meios de produção pelo povo — (pelo Estado) — pode converter-se na capa ideológica da exploração do povo por uma burocracia industrial, militar e política. A socialização de certas indústrias inglesas, empreendidas pelo governo laborista, tende a demonstrar que para o mineiro ou para os trabalhadores ingleses do aço ou das indústrias químicas, não tem nenhuma importância quem nomeie os diretores de suas empresas, se as condições reais e efetivas de seu trabalho continuam sendo idênticas.

O anarquismo, objetarão, é excelente em teoria, porém falha ou falharia na prática. Os anarquistas não podem aceitar a oposição alegada entre teoria e prática; a boa teoria conduz a boa prática, e a boa prática se funda sobre a boa teoria. E' evidentemente difícil agir de modo anárquico: a tentativa de atuar de maneira autoritária — impor soluções em vez de resolver dificuldades — é sempre muito grande e poderia ser que num exame superficial as organizações autoritárias parecessem mais eficientes em seus resultados. Porém a eficiência exaltada pelo capitalismo e também pelo socialismo totalitário é somente um valor entre outros e frequentemente de preço muito alto. Mais importante que a eficiência é a dignidade do indivíduo responsável e livre, porque a solução do que denominamos "problema social" se valem apenas ser aplicados na medida em que eles estejam em consonância com a dignidade e responsabilidade individual.

A missão do anarquista não é sonhar a sociedade futura; porém deve ser atuar o mais anarquicamente possível dentro da presente sociedade; evitar tanto quanto seja possível situações em que seja mandado ou impellido a mandar; e tratar de criar relações de mutua e voluntária cooperação entre seus companheiros.

No mundo moderno o Estado é a mais importante manifestação do princípio coercitivo. Para realizar o anarquismo o Estado deverá desaparecer; e o Estado desaparecerá na medida em que os homens sejam capazes de viver sem ele. Gustav Landauer, anarquista alemão, afirmou categoricamente: "O Estado é uma condição, uma certa relação entre os seres humanos, um modo de conduta; o destruiremos contraindo outras relações, conduzindo-nos de forma diferente".

Em última análise, o anarquista é uma pessoa que se adere a certo conjunto de doutrina ou grupo de crenças: é uma pessoa que se conduz ou procura conduzir-se "diferentemente" em um sentido que consiste no respeito a individualidade inerente a todos os homens.

NR - O companheiro Geoffrey Ostergaard é catedrático da Faculdade de Comércio e Ciências Sociais de Birmingham, ativo colaborador das publicações anarquistas inglesas.

RECURSOS PARA "O LIBERTÁRIO"

Apareceram em números anteriores notas informativas da situação de dificuldades econômicas de "O Libertário", criadas pelo assestante encarecimento de sua feitura tipográfica.

Objetivaram essas informações alertar os companheiros e amigos para que cooperem com os encarregados da feitura do jornal no sentido de ser ativada a coleta dos recursos necessários.

Assim procedemos confiantes de que sua indispensável cooperação não faltará.

CINEMA NO CENTRO DE CULTURA SOCIAL

A exemplo do que já foi feito anteriormente, esta agremiação de cultura de São Paulo realizou uma sessão cinematográfica no sábado, 23 do mês p.p.

Foi exibido um interessante filme de grande metragem, baseado em aspectos sociais da guerra da secessão dos Estados Unidos.

O Centro de Cultura Social tem sua sede à rua Rubino de Oliveira, 85, no Bairro do Brás.

GRANDE LIVRO QUE SE IMPÕE

"A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos"

Acaba de ser lançado em todas as livrarias do Brasil uma primorosa 2.ª edição da extraordinária obra do professor José Otícioia "A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos".

Pouquíssimos livros dentro da literatura socialista, e mais especificamente libertária, oferecerão de maneira tão clara e sintética uma visão de conjunto, uma síntese tão bem elaborada, uma condensação tão fiel dos princípios fundamentais do socialismo libertário. O que sempre predominou no pensamento e obras do mestre Otícioia foi a clareza, a harmonia, a ordem, a exposição metódica e filosófica. Os assuntos mais difíceis e intrincados são expostos de modo simples e acessível à compreensão.

"A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos", editada pela cooperativa editorial libertária Mundo Livre, reflete cabalmente todas as qualidades mencionadas. Difíceis temas de economia, como a moeda, a moeda-papel, os bancos, a agiotagem, a bolsa, a inflação, os impostos são tratados em linguagem compreensível a qualquer grau de entendimento e cultura. As formas de governos, os parlamentos, o direito, as leis, a religião, o Estado, a prostituição sintetizados admiravelmente.

Prosseguindo, estuda Otícioia a supressão da autoridade, a supressão do Estado, a propaganda anarquista, os adversários de anarquismo, os socialistas reformistas, os socialistas coletivistas, os socialistas autoritários, a organização prática da sociedade libertária, a comuna, o município, a federação, a confederação, assembleias de classe, a junta diretiva, organização da produção, distribuição dos produtos etc.

E, como fecho admirável, a resposta à pergunta: como operar a transformação social? — em que se estuda a solução reformista, a cooperativista, a marxista, a bolchevista, e, finalmente, a anarquista com o formidável exemplo de Makno na Rússia.

Pedidos para Editora Mundo Livre, Caixa Postal 1 (Agência da Lapa) Rio de Janeiro. Preço Cr\$ 350,00. Efeutuar os pedidos acompanhados da importância, em vale postal, cheque bancário ou registrado.

ADMINISTRAÇÃO DE "O LIBERTÁRIO"

Damos a seguir a relação das contribuições recebidas até 13 de Abril p. p. e as despesas feitas até o presente número.

Padilha, 500; A. Martin, 500; Felix Gil, 500; de um livro, 350; Pascual M., 200; Cuberos, 500; 1 folheto, 50; Vidal, 200; Simpatizante, 100; Souza Passos, 1.000; Fontana, 300; Vicente, 500; Miguel C. O., 500; Ruete, 300; Manuel C., 200; L. Garcia, 100; Hans, 50; Francisco, 30; Orogio, 50; João S. M., 100; José M., 100; Ortega, 1.000; Rodrigues, 300; Navarro, 100; Angelo, 1.000; R. Fernandes, 600; J. Augusto, 200; M. Fernandes, 200; Pedro, 500; Cecilio, 500; Rojo, 500; Maria Valverde, 200; Pascual Pastor, 900. TOTAL Cr\$ 12.130,00.

RESUMO

Contribuições publicadas no N.º 15 .. Cr\$ 27.575,00
Contribuições publicadas no N.º 16-17 Cr\$ 60.130,00
Contribuições publicadas no N.º 18-19 Cr\$ 12.130,00

TOTAL Cr\$ 99.835,00

GASTOS

Impressão do N.º 15 .. Cr\$ 30.000,00
Selos para expedição Cr\$ 1.000,00
Condução Cr\$ 470,00
Impressão do N.º 16-17 Cr\$ 32.000,00
Condução Cr\$ 550,00
Impressão do N.º 18-19 Cr\$ 32.000,00
TOTAL Cr\$ 96.020,00

CONFRONTO

Entrada Cr\$ 99.835,00
Saída Cr\$ 96.020,00
RESTA Cr\$ 3.815,00

Por erro de revisão o total das contribuições de São Paulo, publicadas no N.º 16-17, é de Cr\$. 25.950,00, e não Cr\$ 27.450,00, como fora publicado. Destarte, o cômputo geral exato é de Cr\$ 60.130,00.

Han Ryner e a objeção de consciencia

Por Hem Day

O centenário do nascimento de Han Ryner, ocorrido no dia 7 de dezembro de 1961, não deve passar dasapercebido aos pacifistas e não-violentos.

Han Ryner deve ser lembrado em movimentos sociais que se honram com o título de pacifistas integrais, e mais ainda, nas ligas e agrupações que exaltam a objeção de consciência e a recusa ao serviço militar, como um dos poderosos meios de abolição das guerras.

Há quarenta anos, desde que se constituiu em França a Liga Pró-Reconhecimento da Objeção de Consciência, que o nome de Han Ryner figurava entre os componentes da Comissão Organizadora. Isso era compreensível e todos aqueles que sabiam ser Han Ryner autor de obras altamente pacifistas, não ficaram absolutamente surpresos com isso.

Com efeito, Han Ryner publicou, em 1900, um romance em defesa da Objeção de Consciência, intitulado "O Crime de Obedecer".

Os promotores da citada Liga, já naquela época, desejavam que o Objeto de Consciência não fosse apenas "um insubmisso por covardia ou por interesses pessoais, mas, sim, por princípios ideológicos". "Não tem medo de morrer; mas recusa-se terminantemente a matar".

Estou com Han Ryner indulgente, e, mais ainda, compreendo aqueles que receiam morrer em plena flor da idade, que não querem morrer por interesses e idéias que lhes são completamente alheios. Conservar sua vida é agora todo o problema deste mundo, onde a folia reina magistralmente, e onde, certamente, ao abrigo dos Ministérios Públicos e dos Estados-Maiores das Forças Armadas ocorrem manifestações alegres e cordiais com o envio, para as frentes de batalha, desta mocidade, exaltando-a como sendo o cerne da nacionalidade. Esta hipocrisia não acabou ainda? E necessário refutar a próxima das "últimas". Ouso pensar numa nova hipocrisia e esperá-la.

Pois, se "ninguém tem o direito de dar-me ordens para matar, ninguém tem também o direito de mandar-me morrer".

Teoria e prática enfrentam-se em pluralismos infinitos que devem ser indispensavelmente harmonizados, para salvaguarda do indivíduo que se nega a colaborar com a guerra e sua preparação. Todo o problema reside nisso; quero exaltar aqui, com e depois de Han Ryner, enfim com todos os homens, o espírito humano de natureza ampla e tolerante.

Gostei imensamente do artigo de Han Ryner, escrito em resposta ao inquérito do jornal "O Semeador da Normandia", publicado em 3 de janeiro de 1921. E' o raciocínio próprio que o levou a criticar o Serviço Civil, adotado como compensação à recusa do Serviço Militar Obrigatório. Como estamos longe disso atualmente! O espírito que anima numerosas e dedicadas seções da I.R.G. (Internacional dos Resistentes à Guerra), modelo da consciência do Objeto e vai até trocá-la por não sei que espécie de compensação do Estado-Moloch.

Diversos participantes da citada Liga Pacifista Francesa pedem agora, diz Han Ryner, que para o Objeto de Consciência, o serviço civil possa substituir o serviço militar. No estado atual dos costumes, não evitaremos isso, mas seria algo vergonhoso o fato de que sejamos nós mesmos quem o peçamos? E não poderemos nós conselhar que se deixe em sua tarefa ordinária o Objeto de Consciência que desenvolve atividade útil? O médico ou o humilde proletário trabalham em serviço civil. Defendamos o mais possível as forças que se pretende subjugar, malbaratando-as".

E Han Ryner prossegue sua explanação com lógica incontestável: — "Os tolstoianos mesmo parecem querer exigir (contentemo-nos em suportá-lo) o serviço civil. Ignoram eles, pois, que este serviço será dado não à Sociedade, mas ao

Estado, à "Violência Organizada". Tolstoi o teria recusado também energeticamente, como o fez com o serviço militar; não consentiria tornar-se, de uma forma ou de outra, escravo "esclavagista".

Outros sonham com serviço civil, exigido das mulheres. "O Pai Diógenes" sorria: — "Sem blague! Cria que faríamos uma Liga, para agravar a servidão humana".

Pois, agora, Han Ryner entrevista claramente o papel que representariam os tibios e os hábeis que iam, ao correr dos anos, deturpar de seus objetivos liberadores estas "Ligas Pacifistas", para fazer não sei que espécie de mistura de reivindicações sem profundidade e sem beleza. Han Ryner convidava os libertários a entrar, o maior número possível, nestas Ligas.

"O Estado morde com os dentes roubados", dizia Nietzsche; Han Ryner acrescenta: — "... não nos deixa roubar nossos próprios dentes".

Em outras circunstâncias, estudei na obra de Han Ryner seu pacifismo. Estendi-me longamente no estudo do tema da não-violência que, nos seus escritos, está desenvolvido com uma profundidade surpreendente de pensamento: — "O Crime de Obedecer", "A Estingida Vermelha", "Os Pacifistas", "A Torre dos Povos" etc.

Depois, evolui no modo de ver o problema da violência e me aproximei ainda mais de Han Ryner. Minha experiência, na Espanha, inicialmente, e nesta última guerra mundial, não fez senão reforçar-me o ponto de vista de total aceitação dos princípios não-violentos de luta social, destinada à libertação humana.

A primeira Comissão de Defesa dos Objetores de Consciência não foi animada, como lembrou L. Simon, por Han Ryner. Desde 1898, quando este publicou "O Crime de Obedecer", que apresenta a figura do refratário integral: — Pierre Daspres.

Porque razão será que, entre aqueles que escrevem e falam sem cessar sobre a Objeção de Consciência e a Não-Violência, alguns esquecem Han Ryner e fazem silêncio à respeito dele e de suas obras? Ignorância inconcebível ou conspiração voluntária do silêncio contra este notável escritor cuja franqueza e antidogmatismo são notórios.

Lembrar Han Ryner é ajudar a sacudir a indiferença, pois ele se consumia nas tribunas e nos tribunais, defendendo pacifistas, tais como Gaston Rolland, Vial, Armand Rolland, E. Armand, Leretour, Campion, Hem Day e outros mais. Ele tem direito ao mesmo gabarito intelectual de escritores como Tolstoi e outros, mais próximos de nossa época.

A Objeção de Consciência está bem perto do "rynerismo". Ela é defendida por escritores como Tolstoi e outros mais, como A. Charpentier, V. Marguerite, Chailay, G. de Lacaze Duthiers e muitos outros que, no intervalo das duas últimas guerras mundiais, sustentaram cruel combate contra os belicistas.

Tudo isso é reafirmado, aos jovens, neste centenário natalício de Han Ryner, para que o esquecimento e a ignorância não tenham cabimento. Reafirmamo-lo igualmente, para aqueles que, ao começar a primeira grande guerra, encontraram nos escritos de homens como Han Ryner, algo em que se apoiarem e fortalecerem suas resoluções e sua fé em um ideal livremente escolhido e que lhes conduziisse à recusa de obedecer, à recusa de servir às Forças Armadas.

Ainda que com o risco de ficarmos hoje incompreendidos, como outrora, repitamos tudo isso à presente sociedade, inclusive o amor que Han Ryner provou ter pelo idealista desinteressado que quer "todas as cadeias do terror e da volúpia, das ameaças e das promessas e que nossos gestos escravos as tornam peada".

Será que nada tem valor? "O Crime de Obedecer" não perdeu sequer sua atualidade. Este livro ajudará "o esclarecimento daquilo que está em vias de ser feito", disse certa feita Han Ryner. E, com ele, estou cem por cento de acordo.

MOVIMENTO OPERÁRIO

O Proletariado Brasileiro Neste Primeiro de Maio

FREDERICO BRITO

A comemoração do 1.º de Maio neste ano vem encontrar o proletariado brasileiro sujeito a uma situação verdadeiramente calamitosa. Os exploradores da miséria do povo continuam acumulando grandes fortunas; aumentaram-se os salários de certas categorias de trabalhadores, mas os capitalistas fizeram recair esse aumento, multiplicando, sobre os preços das mercadorias, tudo, encarecendo em proporções inacreditáveis. As condições de vida do povo trabalhador vão-se tornando, assim, de dia para dia, mais penosas, verdadeiramente assustadoras.

Certamente não haverá trabalhador algum que considere normal essa situação, que possa achar justo semelhante estado de coisas. Todos estão, justamente, descontentes, desejando uma mudança urgente nas condições de vida, de maneira que, cada qual, com o ganho de seu trabalho, possa viver uma vida decente, livre dos tormentos de hoje.

Mas, para que isso seja conseguido é preciso que o povo traba-

lhador se pronuncie, proclamando seus direitos e não esperar que a solução de seus problemas venha daqueles que têm interesses opostos aos seus e que precisam que as coisas continuem como estão para enriquecerem mais ainda.

Os trabalhadores também não poderão esperar nada dos políticos, que só se lembram de quem trabalha quando precisam de seus votos para subirem aos postos parlamentares ou governamentais. O proletariado não se deve esquecer que a emancipação dos trabalhadores só poderá ser obra dos próprios trabalhadores, não confiando sua causa a chefes, a líderes, a mentores, pertençam a que partido pertencerem, pois o que todos o que querem é dominar. Os trabalhadores devem confiar unicamente em sua própria ação, organizando-se fortemente, mas fazendo com que seus sindicatos sejam verdadeiramente seus, livres de políticos, do burocratismo parasitário e de toda e qualquer influência estranha ao meio proletário. "Façamos nós e por nossas mãos, tudo o que nos diz respeito", diz-nos o hino glorioso do proletariado internacional.

Ninguém pode hesitar ante esta verdade irrecusável: a origem da

inquietação, da insegurança, das penúrias e da miséria a que está sujeito o povo brasileiro está no monopólio e no manejo, pela classe privilegiada, de todos os bens sociais produzidos direta e efetivamente pelos trabalhadores que, no entanto, constituem a classe pobre, sujeita a todas as agruras da escassez do que é mais essencial à vida. Evidencia-se, conseqüentemente, que a única solução para o problema político-social brasileiro será pôr fim ao regime de privilégios de hoje e organizar a vida brasileira de maneira que a produção e a distribuição para o consumo sejam feitas para satisfazer as necessidades da coletividade e não para atender às ambições da minoria de exploradores que vivem a acumular fortunas à custa do sacrifício do povo trabalhador, cada vez mais atormentado pela miséria que está invadindo todos os lares.

Comemoremos, pois, o 1.º de Maio com a decisão de enfrentarmos a situação que nos atormenta hoje, procurando, nós mesmos, as soluções adequadas e preparando-nos para uma vida social onde, desaparecendo a miséria e a opressão, haja bem estar e liberdade para todos.

O IMPERIALISMO ULTRAMONTANO

Nã é possível, nesta delicada situação da vida do Brasil, deixar de apontar ao povo desta terra o perigo da asossobante influência clerical que aqui se manifesta em todos os sentidos. A ação do clero romano assume hoje a feição de verdadeiro imperialismo, que estende os seus tentáculos por toda a parte.

O ultramontanismo domina soberanamente em todos os setores da vida brasileira. Executando as palavras de ordem ditadas pelos altos poderes do Vaticano, os agentes do governo papalino espalham-se por todos os recantos do país, desde as grandes capitais até os pequeninos arraiais do sertão brasileiro. Agem no recesso do lar, minando consciências por intermédio do confessionalário e das aulas de catecismo ministradas nas sacristias; invadem as repartições públicas, dominam o ensino nas escolas, chegam até às forças armadas, são encontrados nos meios associativos, exploram no comércio e na indústria e dominam na política e nas esferas governamentais.

CENTRO DE ESTUDOS JOSÉ OITICA — RIO

Os elementos deste Centro reúnem-se semanalmente, para resolver sobre o andamento de suas atividades.

Nas sextas-feiras, à noite, realizam-se as aulas do curso sobre a psicanálise que está promovendo.

O LIBERTÁRIO

Diretor: PEDRO CATALO

A publicação de "O Libertário" está confiada a uma comissão do jornal, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação. Indica-se o nome do diretor por exigências de formalidades legais.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL, 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração: Rua Rubino de Oliveira N.º 85 São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 200.00

Essa preponderância clerical em todas as manifestações da vida brasileira torna-se, de dia para dia, mais acentuada, mais dominante, apresentando já a negra perspectiva de uma ditadura teocrática a estrangular, muito breve, os resquícios de liberdade que ainda nos restam.

Em seu pósto de combate, na peleja, em defesa da liberdade de pensamento, continuam, firmes e intransigentes, os anarquistas. Suportando toda sorte de perseguições, por meio da imprensa e da tribuna popular e de organizações agindo nos centros principais do país, os libertários se colocaram sempre à frente do movimento de oposição ao domínio do imperialismo ultramontano no Brasil, atividade essa que nunca abandonaram.

Bibliografia Libertaria

"ESCARCEOS SOBRE CHINA" — De Victor Garcia — Edições "Tierra y Libertad" — México — D. F.

O grupo Editorial "Tierra y Libertad", do México, acaba de publicar "Escarceos sobre China", de autoria do escritor e militante anarquista Victor Garcia, atualmente exilado na Venezuela.

O livro, excelente sobre todos os títulos, é o produto de uma longa excursão que Victor Garcia fez através da Ásia, detendo-se na China a um exame cuidadoso dos costumes, da literatura, da arte e da política, em seus vários aspectos, descendo mesmo a minúcias que escaparam a quantos têm tratado do problema chinês.

Como Eliseu Reclus, examina o homem e a terra, e fá-lo com riqueza de detalhes no tocante à antiguidade das comunas e sua tradicional importância em alguns pontos da China, o que, segundo o autor de "Escarceos", veio favorecer grandemente os bolchevistas na implantação do seu regime.

A valiosa obra não se fixa no limitado e superficial significado de "escarceos", que o autor usa como título do seu livro, vai muito mais longe e se aprofunda em suas 266 páginas, cheias de uma documentação fabulosa, valorizando a literatura libertária e os conhecimentos de quantos desejam conhecer a China da antiguidade e de nossos dias.

E jamais abandonarão essa luta, que se evidencia hoje mais imperiosa do que nunca. O direito de cada qual professar livremente, propagar e cultivar a sua crença deve ser respeitado, mas o gozo desse direito, comum à propagação de todos os princípios, não justifica o domínio aqui exercido pelo clero, que age sob as ordens de um governo estrangeiro — o estado papalino.

Daí a necessidade de ser animada a campanha contra a influência dominante no Brasil do imperialismo ultramontano, combatendo-o em sua ação reacionária de elemento auxiliar da exploração capitalista, fazendo-lhe frente como força econômica e política que é a serviço dos privilegiados dominadores do regime explorador imperante, opondo embaraços à emancipação social do povo.

Palmiro Leal

Outros Aspectos do 1.º de Maio

HISTÓRICO PRONUNCIAMENTO

De MAGALHÃES LIMA

A celebração do Primeiro de Maio, significa e representa, ao mesmo tempo, uma afirmação e um protesto: afirmação de direito e de justiça contra os privilégios e os preconceitos do mundo, e protesto da humanidade trabalhadora contra o despotismo e a servidão social. Afirma esse direito e relembra essa justiça e o dever dos que trabalham; protestar contra a injustiça de que são vítimas, é a obrigação dos que sofrem.

Encontramo-nos em face de um velho mundo que desaba. Os reis e os ditadores esgotam os tesouros dos seus respectivos países em munições e armamentos, e preparam-se para o supremo combate. Por toda a parte a dúvida e a incerteza. Alguma coisa de sombrio e de lúgubre caracteriza este terrível período, chamado de transição. De duas uma: ou a guerra irrompe, numa época mais ou menos próxima; ou a revolução rebentará, como a conseqüência lógica, inevitável, da crise econômica a que esta nova barbárie, denominada pomposamente exército permanente, arrastou as sociedades modernas.

O capitalismo explora, e a guerra

mata e aniquila. O operário encontra-se em frente destes dois inimigos: e ele, que representa o trabalho e a produção, combate os exploradores, e ele, que significa paz, amor e concórdia, detesta e odeia a guerra.

Reivindicar para a coletividade os benefícios do trabalho e da paz — eis a aspiração do proletariado moderno. A essas aspirações, chamamos nós socialismo; e, por seu turno, a gloriosa comemoração do Primeiro de Maio, não é outra coisa senão a afirmação solene e coletiva das reivindicações operárias.

NOTA DA REDAÇÃO — De autoria do escritor português Magalhães Lima, foi publicada em o "Avanti!", de São Paulo, de 1.º de Maio de 1904, o trabalho que hoje reproduzimos, 59 anos depois. Como se vê, as previsões de Magalhães Lima confirmaram-se: vieram duas guerras mundiais de terribes conseqüências, a Revolução Mexicana de 1911, a Revolução Russa de 1917 — desvirtuada pelos bolchevistas, a da China, a Revolução Espanhola de 1936 e a Cubana de 1958, esta última também desvirtuada posteriormente pelo marxismo, que dela se apoderou.

Enfrentamos, hoje, a mesma situação: ou se faz a Revolução Social Libertária, para atender e satisfazer as necessidades humanas e as aspirações de justiça e bem-estar para todos, ou novas guerras, de conseqüências muito mais terríveis, abalarão o mundo e acabarão com a espécie humana.

FINAL DA CONSUMAÇÃO DO GRANDE CRIME SOCIAL

Na madrugada de 11 de Novembro de 1887, os heróicos Adolfo Fischer, Augusto Spies, George Engel e Alberto Parsons, subiram serenamente os degraus do patíbulo onde deixaram a vida.

Luiz Ling suicidara-se na prisão. William Lensinger desaparecera do cárcere e John Most fora expulso do território ianque.

Antes que as cordas estrangulassem suas vidas preciosas, foram estas as derradeiras palavras destes mártires da liberdade:

"Tempo virá em que o nosso silêncio será mais poderoso que as nossas vozes, que hoje enforcam com a morte" — Spies; "Viva a anarquia!" — Fischer; "Hurrah, pela anarquia!" — Engel; "Deixai ouvir a voz do povo!" — Pearsons.

Poucos segundos depois, os 4 corpos estremeciam nas convulsões da agonia, ao mesmo tempo que o seu sangue assinava a sentença de morte de uma sociedade iníqua e vil, esta infame sociedade capitalista que assassina, perverte, corrompe e petrifica as consciências com suas mentiras convencionais.

TARDIO RECONHECIMENTO DO ERRO JUDICIÁRIO

Sete anos mais tarde, o governador do Estado de Illinois, John P. Altgeld, mandou proceder a revisão do processo, verificando-se, então, de maneira a provocar escândalo, que a justiça havia condenado e executado quatro inocentes e provocado o suicídio de outro. Os dois condenados à prisão perpétua e o que cumpria a pena de 15 anos de prisão foram postos em liberdade. Mas aos enforcados não puderam restituir a vida!

Como prova permanente e ostensiva desse crime inominável, foi erigido um monumento aos libertários sacrificados.

FÉCHO DA HISTÓRIA DESTA GRANDE INIQUIDADE SOCIAL

Essa é, em largos traços, a história da mais pungente tragédia social da história, que outras ainda registra: os massacres da Comuna de Paris; o sacrifício de Francisco Ferrer e seus companheiros de martírio, na Espanha; de Sacco e Vanzetti, nos Estados Unidos; dos libertários que desde 1936 vêm sendo massacrados pelo falangismo sanguinário de Franco, na Espanha; dos perseguidos pelo salazarismo, em Portugal; dos heróicos trabalhadores e estudantes tombados na Polónia e na Hungria; dos brasileiros atrados para as regiões pestíferas da Clevelândia, entre os quais figuram os inesquecíveis militantes das lutas proletárias Pedro Mota, Nino Martins, Nicolau Parada, José Maria Fernandes Varela, José Alves do Nascimento, cujas ossadas jazem nas brenhas das matas amazônicas como um símbolo da maldade de uma organização social cheia de vícios e injustiças.

BONS COBRADORES

Todos somos ótimos cobradores. Mesmo sem o sentir, sem apurar bem os nossos sentimentos, tudo fazemos tendo em vista a recompensa. Há sempre um fundo interessado em nossas mais pequeninas atitudes: se queremos bem, desejamos que também nos queiram bem; se tratamos os demais com delicadeza, esperamos que eles nos tratem da mesma forma, ou melhor ainda; se alguém cai e nós o ajudamos a levantar, mesmo inconscientemente estamos imaginando que um dia poderemos também cair e alguém há de ajudar-nos a levantar; damos um copo de água, uma colher de medicamento a um doente, e imaginamos que alguém olhará por nós, quando adoecermos; respeitamos os mais velhos, e queremos que os mais moços nos respeitem também.

Ótimos financistas, colocando em bancos pequeninas quantias, para mais tarde retirar, multiplicadas pelos juros que a nossa mente interessada determinou que devemos auferir.

Mas nem sempre as coisas saem como desejamos. Na ocasião do resgate das dívidas que julgamos que o mundo tem para conosco, aí é que vêm as desilusões, a desencanto. Nunca a vida nos dá o que a ela pedimos, o que dela esperamos. E o termo ingratião aparece em nossos lábios, a palavra amarga em muitas de nossas frases.

Até nas trovas populares a choradeira é sempre a mesma: "a ingratião do ser amado" ou "o queria tanto e ele me desprezou". E a queixa sempre repetida dos pais: "os filhos não reconhecem o que fizemos por eles".

Sempre a mágoa da não recompensa, a tristeza de não receber o que um dia fizemos para hoje cobrar. Ingratião! Sinónimo de sentimento não retribuído, de dívida que não foi paga.

E por que é, e sempre foi assim? Porque não somos capazes de dar, sem pensar em receber? De querer bem, sem nos preocuparmos em ser ou não correspondidos? Cuidar de crianças, de flores, sem querer o afeto, o carinho das primeiras, ou o perfume das segundas? Cuidar de pássaros sem esperar ouvir os seus trinos?

O coração não deveria ser um batedor a vender a mercadoria do sentimento, para ser paga com a moeda do reconhecimento, da gratidão.

Seríamos felizes se fôssemos capazes de querer bem os que estão próximos, ou mais longe, a humanidade inteira, com despreendimento, pela simples e grande satisfação que isso nos deveria dar, sem outra preocupação além de uma paz interior que faz bem, que acalenta a alma e enternece o coração.

A natureza inteira é um mostruário de despreendimento, de dádivas espontâneas. O sol desponta no horizonte, nos maravilha a vista e nos dá luz e calor; as árvores crescem e nos dão sombra, frutos e purificam o ar que respiramos. Quanta beleza num pôr de sol, numa noite de luar, num tilintar de chuva no telhado!

Por que não aprendemos as lições que a natureza inteira nos dá, para sermos também dádivos, coração aberto, sem medir, sem pesar, sem calcular quanto valem os nossos sentimentos, qual o preço do bem que podemos e devemos fazer?

ANGELINA